

PROJETO

MNAA
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

PARCERIA

RITMOS



JOSEFA DE ÓBIDOS

E A INVENÇÃO
DO BARROCO
PORTUGUÊS

Inauguração: 15 de maio
Abertura ao público: 16 de maio
Museu Nacional de Arte Antiga
Galeria de Exposições Temporárias

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

JOSEFA DE ÓBIDOS E A INVENÇÃO DO BARROCO PORTUGUÊS

COMISSÁRIOS

Joaquim Oliveira Caetano
José Alberto Seabra Carvalho
Anísio Franco

Ao longo de quase quatro décadas, Josefa de Óbidos criou algumas das imagens mais reconhecíveis da História da Arte portuguesa. Fascinante pela sua condição de género mas também pela individualidade do seu percurso artístico, Josefa é o alicerce desta grande exposição que nos desvenda, em oito núcleos, o Barroco português nos anos que se seguiram à Restauração da Independência.

Mais de 130 obras (pintura, escultura e artes decorativas) vindas de várias instituições nacionais e internacionais, como os museus do Prado e de Bellas Artes de Sevilha, o Mosteiro do Escorial e de inúmeras coleções privadas, portuguesas e estrangeiras, compõem uma mostra inovadora, que o Museu Nacional de Arte Antiga, em parceria com a Ritmos, preparou para o verão de 2015.

Josefa de Ayala, ou Josefa de Óbidos, nasce em Sevilha, em 1630. Filha do pintor português Baltazar Gomes Figueira e afilhada do pintor Francisco Herrera, Josefa vem para Portugal em 1634, quando o pai regressa a Óbidos com a família. Após alguns anos em Coimbra, durante a adolescência, vive para sempre na pequena vila a norte de Lisboa.

Revisitar a sua obra tem várias justificações. Mostrar a um novo público as suas pinturas, muitas em coleções privadas, e voltar a interrogar essas obras à luz dos contributos críticos entretanto colhidos, em exposições nacionais e internacionais onde a presença da pintora foi particularmente forte, são apenas algumas. Afastar de Josefa o mito da

(capa)
JOSEFA DE AYALA
(Sevilha, 1630–Óbidos, 1684)
Menino Jesus Salvador do Mundo (pormenor)
Assinado e datado *Josepha em Obidos 1680*
Óleo sobre tela
110 x 73 cm
Coimbra, Venerável Ordem Terceira
da Penitência de São Francisco

JOSEFA DE AYALA
(Sevilha, 1630–Óbidos, 1684)
São João Baptista
c. 1670-1675
Óleo sobre tela
109 x 88 cm
Coleção Particular



artista provinciana, beata e preñada, e apresentá-la como uma mulher emancipada e culta, cuja fé reflete a espiritualidade do século XVII, e como o mais eficaz e reputado expoente do Barroco português no ciclo que se seguiu à Restauração, é outro objetivo da exposição.

De facto, num período duro da nossa História e num tempo que pertencia aos homens, Josefa logra afirmar-se como pintora: a única pintora profissional da sua época, com uma oficina própria e encomendas relevantes. Confinada ao espaço periférico de Óbidos, consegue, caso raro em Portugal, alcançar uma aura que lhe sobrevive, permitindo que um conjunto de obras vasto, e bem preservado, tenha chegado aos dias de hoje. Mais do que as naturezas-mortas, que em geral se associam à pintura, distingue-a a criação de imagens piedosas, com as quais soube responder às aspirações de um Barroco que Portugal modelou de forma própria.

Entrecruzando o trabalho de Josefa com a obra dos barristas de Alcobaça e com as esculturas de Frei Cipriano da Cruz, é possível, nesta exposição, descobrir este Barroco português: um espaço festivo, de igrejas douradas e de imagens com vestes coloridas e olhos perdidos no céu; um universo místico e cândido, que afasta a arte portuguesa dos caminhos do realismo humanizado espanhol ou italiano.

JOSEFA DE AYALA
(Sevilha, 1630–Óbidos, 1684)
Santa Teresa Esposa Mística (pormenor)
Assinado e datado *Josepha em Obidos* 1672
Óleo sobre tela
158,5 x 113 cm
Paróquia de Cascais



NÚCLEOS DA EXPOSIÇÃO

I. JOSEFA EM ÓBIDOS.

A maior parte das obras expostas neste núcleo revelam uma pintora de rara precocidade, atenta a um tenebrismo de origem mais nórdica do que italiana e rendida, nas últimas décadas, a uma luminosidade aberta e a um colorido franco influenciados pela obra de Francisco de Zurbarán.

II. A NATUREZA E A PAISAGEM.

Baltazar Gomes Figueira iniciou em Portugal a prática da natureza-morta como género autónomo, na tradição do *bodegón* espanhol que assimilou durante a sua estadia em Sevilha. O artista, que também cultivou a pintura de paisagem, partilhou com a filha alguns dos modelos que utilizava e que ela continuou a seguir depois da morte do pai.

III. SENTIDO E FORMAS DO BARROCO PORTUGUÊS.

O Barroco português, de que Josefa foi uma das mais eficazes intérpretes, projetou-se num quadro sensorial íntimo. Na arquitetura, este estilo foi marcado pela procura dos valores dramáticos da luz e pelas experiências inovadoras da planta centralizada; na escultura e nos retábulos, foi moldado por uma produção anónima, dourada e estofada, de que sobressai a obra dos «barristas de Alcobaça». Por fim, nas artes aplicadas, o Barroco nacional deixa-se contaminar por elementos orientais.

IV. EM ESPANHA: O BODEGÓN NO TEMPO DE JOSEFA DE AYALA.

O núcleo de pintura espanhola desta exposição permite notar como os exemplos mais antigos do *bodegón* marcaram profundamente a pintura de Baltazar Gomes Figueira. Regressado a Portugal em 1634, o pintor, e depois Josefa, continuaram presos aos modelos iniciais, enquanto este género, em Espanha, evoluía para uma grande variedade de propostas.

V. EM ÓBIDOS: MODELOS DO BODEGÓN PORTUGUÊS.

A pintura de Baltazar e de Josefa funcionava não a partir da representação do «natural» mas do recurso a um conjunto de imagens pintadas em pequenos painéis que recombinavam em maiores composições. As distintas formas de pintar, evidentes nos painéis apresentados neste núcleo, revelam a colaboração de outros artistas na oficina de Óbidos, pois à volta de Baltazar, além de Josefa, estavam pintores do seu círculo familiar.

VI. TEMPO DE EMANCIPAÇÃO: COMPOSIÇÕES RELIGIOSAS.

Josefa foi, na sua fase madura e autónoma, uma prolífica pintora de retábulos, com encomendas em toda a Estremadura. Estas pinturas, de um misticismo profundo e culto, evocam as suas ligações espirituais aos cistercienses bem como, e sobretudo, aos carmelitas refor-

mados, para quem trabalhou várias vezes. A influência de Santa Teresa de Ávila devem-se, provavelmente, as representações da Sagrada Família no interior organizado da Casa de Nazaré.

VII. IMAGENS DE INTIMIDADE E DEVOÇÃO.

Os Meninos Jesus ou os *Agnus Dei*, retirados dos modelos de Zurbarán, são também elementos de grande culto nas literaturas portuguesa e espanhola do século XVII. O Menino, como Divino Esposo ou como Peregrino, aparece, por exemplo, nos textos de Santa Teresa de Ávila; as flores, dispostas em festivas grinaldas e associadas à figura central, eram outro tópico da literatura mística da época, que Josefa leu fervorosamente nos últimos anos de vida.

VIII. «O CÉU ABERTO NA TERRA»: O ESPAÇO ONÍRICO DO BARROCO PORTUGUÊS.

«O Céu Aberto na Terra», título adotado por Frei Francisco de Santa Maria na sua crónica dos Loios, em 1697, ilustra em pleno o sentido da obra de Josefa de Óbidos. Neste final de século, o Barroco português encerra o seu processo de afirmação. As manifestações e práticas do culto tornam-se num meio adequado de expressão emotiva e, a igreja, no espaço da sua projeção. Este ambiente sensorial e plástico alcança com a escultura de Frei Cipriano da Cruz a dimensão teatral que lhe era própria.

BIOGRAFIA

Josefa de Ayala 1630-1684

Josefa de Ayala y Cabrera nasceu em Sevilha. O seu pai era o pintor português Baltazar Gomes Figueira (1604-1674), oriundo de uma família de comerciantes, religiosos e militares de Óbidos, que em 1625 se integrou num contingente militar português que combateu na Guerra Anglo-Espanhola (1625-30), defendendo a Baía de Cádiz. A mãe, de ascendência nobre, D. Catarina de Ayala, era filha de um militar amante de pintura e o batismo de Josefa, a 20 de fevereiro de 1630, na Igreja de São Vicente, foi apadrinhado por Francisco de Herrera, o Velho, um dos mais importantes pintores sevilhanos, talvez mestre de Baltazar, que só nessa cidade, e já tardiamente, se iniciou na pintura.

Em 1634, depois de alguns processos judiciais que não indiciavam uma boa situação financeira, Baltazar voltou a Óbidos com a família, iniciando uma carreira de pintor que lhe valeu alguma fama local. Entre os seus méritos artísticos está, certamente, o de ter introduzido entre nós a pintura de naturezas-mortas, à maneira do *bodegón* sevilhano, género que a sua filha também veio a cultivar. Josefa iniciou-se na pintura e na gravura precocemente, realizando obras, em contínuo, desde os 16 anos. Começou pelos pequenos formatos, sobre cobre, mas chegou a pintar retábulos, por toda a Estremadura. Celebrizou-se

também naturezas-mortas e pinturas devocionais muito características, que lhe deram uma grande fama e alguma fortuna. Emancipada por volta dos 30 anos, o que lhe permitiu uma vida autónoma, Josefa vivia solteira, acompanhada por criados e as suas duas sobrinhas, entre as casas de Óbidos e a Quinta da Capeleira, nos arredores da vila, em desafogo financeiro, pintando e gerindo alguns negócios. Os seus mais antigos biógrafos reconhecem-lhe algum pendor para a espiritualidade e muitas das suas obras acusam uma influência dos escritos de Santa Teresa de Ávila. Morreu a 22 de julho de 1684.

HORÁRIO

terça-feira a domingo:
10h00 – 18h00

COMO CHEGAR

Rua das Janelas Verdes
Autocarros: 713, 714, 727

Av. 24 de Julho
Autocarros: 728, 732, 760
Elétricos: 15E, 18E

Largo de Santos
Elétrico: 25E

GPS


38.70451, -9.162278

BILHETES

www.bilheteiraonline.pt,
bilheteira do MNA
e locais habituais (CTT, FNAC,
WORTEN, El Corte Inglés)

MAIS INFORMAÇÕES

www.exposicaojosefadedebidos.com



JOSEFA DE AYALA
(Sevilha, 1630–Óbidos, 1684)
Natureza-morta com melancia e peras
(pormenor)
c. 1670
Óleo sobre tela
63,5 × 103,5 cm
Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga,
inv. 636 Pint



Rua das Janelas Verdes
1249-017 Lisboa
Tel: +351 21 391 28 15
paulabrito@mnaa.dgpc.pt
www.museudearteantiga.pt
www.facebook.com/mnaa.lisboa

Museu Nacional de Arte Antiga

Criado em 1884, o MNAA-Museu Nacional de Arte Antiga alberga a mais relevante coleção pública do País. Pintura, escultura, artes decorativas – portuguesas, europeias e da Expansão –, desde a Idade Média até ao século XIX, incluindo o maior número de obras classificadas como «tesouros nacionais».

No acervo do MNAA, destacam-se os *Painéis de São Vicente*, de Nuno Gonçalves, obra-prima da pintura europeia do século XV, a *Custódia de Belém*, de Gil Vicente, mandada lavar por D. Manuel I e datada de 1506, os *Biombos Namban*, final do século XVI, registando a presença dos portugueses no Japão, *Tentações de Santo Antão*, de Bosch, exemplo máximo da pintura flamenga do início do século XVI, *São Jerónimo*, de Dürer, inovadora representação do santo, e importantes obras de Memling, Rafael, Cranach ou Piero della Francesca.

Ritmos

A Ritmos é hoje uma das principais e mais prestigiadas produtoras nacionais de eventos. A experiência resultante da produção do Festival Paredes de Coura aportou-lhe um conhecimento aprofundado de todo o processo: contratação de artistas nacionais e internacionais, gestão de grandes equipas de trabalho e implementação de eventos no terreno.

Para além do Festival Paredes de Coura, por onde, ao longo dos 20 anos de história, já passaram inúmeros artistas, a Ritmos tem protagonizado, desde 2003, vários eventos de relevo, alguns deles também de periodicidade anual, de onde se destacam o Festival Para Gente Sentada, o Cerveira ao Piano e a produção do Serralves em Festa.

Em 2011, João Carvalho, José Barreiro e Filipe Lopes da Ritmos, juntaram-se ao Primavera Sound e a José Eduardo Martins fundando a Pic-Nic, empresa que organiza o Optimus Primavera Sound, no Porto.

Rua de Ceuta, 118 - 3º S-20
4050-190 Porto
Tel: +351 22 208 26 24
andrea.criener@livecom.pt
www.ritmos.biz
www.facebook.com/pages/
RITMOS-Lda/136864019660731